

---

## O LIVRO DE JÓ

### A propósito de um "comentário bíblico latino-americano"(\*)

A leitura do comentário de J. Pixley ao livro de Jó dá ocasião a algumas observações sobre sua tradução e sua temática.

#### A tradução

O comentário de Pixley é acompanhado de fiel tradução espanhola do original hebraico, tradução que tem o mérito de não descaracterizar as ousadas figuras bíblicas. É louvável que o autor não enverede pelo caminho das emendas do Texto Masorético para solucionar as dificuldades lingüísticas do texto, composto na remota antigüidade, preferindo, ao invés, abster-se de traduzir certas passagens de difícil interpretação. Não que a morfologia do vocabulário dificulte entendê-las. O problema reside em que não se encaixam de imediato no contexto. A lógica das idéias conexas, a seqüência da argumentação e os recursos estilísticos são fatores determinantes para a interpretação.

Pretende-se justificar a omissão de algumas passagens do livro, invocando a corrupção do Texto Masorético, que só poderia ser entendido mediante emendas baseadas nas versões. Entretanto, à base da lingüística hebraica, é possível descobrir formas arcaizantes da linguagem de Jó, enquanto pela análise da sintaxe hebraica se desvenda a particularidade do estilo poético. A título de complementação do texto, seguem as passagens omitidas e algumas que, a meu ver, deveriam ser corrigidas:

- 16,7 Mas agora ela me extenuou:  
tu irritaste toda a minha vizinhança,  
a ponto de caírem sobre mim.
- 8 Meu caluniador arvorou-se em testemunha,  
levantando acusações contra mim.
- 17,2 Só as zombarias me acompanham,  
e meus olhos não vêem senão amarguras.

---

(\*) PIXLEY, Jorge: *El libro de Job. Comentario bíblico latinoamericano*. Ediciones SEBILA, San José (Costa Rica) 1982. 233 pp., 21 x 13 cm.

- 
- 19,27 Eu o verei, favorável a mim;  
    não como a estranho, meus olhos o contemplarão.  
    No meu interior se consomem as entranhas,  
28 quando dizeis: 'Como o perseguiremos?'  
    como se em mim estivesse a raiz do problema.  
21,24 para ele havia úberes repletos de leite,  
    onde se abastecia a medula de seus ossos.  
24,5 Como asnos selvagens na estepe,  
    eles saem para seu trabalho,  
    procurando recolher  
    o que o descampado lhes ofereça como alimento para os  
    filhos.  
24,6 Ceifam no campo alheio  
    e rebuscam a vinha do ímpio.  
7 Nus, pernoitam sem roupa  
    e sem coberta contra o frio.  
10 Andam nus, carentes de roupa,  
    famintos carregam os feixes.  
16 Às escuras arrombam as casas,  
    de dia vivem trancados:  
    desconhecem a luz.  
18 Mesmo se alguém fugir, veloz, sobre as águas,  
    ao cair sobre sua herdade a maldição,  
    em terra não retomará o caminho dos vinhedos.  
22 Mas Aquele que, com sua força, sujeita os poderosos  
    levantar-se-á, e esse já não se sentirá seguro de sua vida.  
23 Ele o deixava confiado e seguro,  
    enquanto seus olhos observam-lhe os caminhos.

No capítulo 29 não há razão para se alterar a seqüência dos versos no discurso de Jó: 29,1-10. 21-25. 11-20.

- 36,15 Mas ele salva o aflito mediante sua aflição  
    e abre-lhe os ouvidos com a tribulação.  
16 Assim também a ti te levará das fauces da angústia  
    para um lugar amplo, sem que haja estreiteza como antes,  
    e para uma mesa rica de manjares, preparada para ti.  
17 Tu, porém, estás cheio do juízo do ímpio:  
    o juízo e o julgamento estão implicados.  
18 Todavia, não te arraste a cólera ao insulto,  
    e a enormidade da expiação não te leve ao descaminho!  
19 Pode, acaso, tirar-te da angústia teu clamor  
    e todos os teus vigorosos esforços?  
20 Não suspires, pois, por aquela noite  
    que vai arrebatando de seu lugar os povos!

- 
- 21 Guarda-te de voltar à iniquidade,  
pois, por causa dela, foste provado pela aflicção.
- 36,33 Seu trovão o anuncia  
e até o gado, a sua vinda.

Quanto à tradução do tetragrama divino (YHWH), o autor reconhece na p. 26 que os filólogos têm hoje opinião quase unânime de que a pronúncia original era aproximadamente Javé, e explica, na nota 5 da p. 219s, porque o adota no comentário. Entretanto, estranhamente na tradução do texto conserva a forma Jeová.

### A temática

Segundo J. Pixley, o livro de Jó é "uma crítica fundamental ao método da teologia" (p. 14), crítica feita no exercício do questionamento da doutrina da universal providência divina. Os argumentos teológicos, utilizados pelos interlocutores de Jó, perdem seu valor frente à inocência do mesmo. A solução do drama humano não se dá a nível intelectual de argumentação teológica, nem a nível espiritual, mas no âmbito material, pela intervenção de Deus que restaura Jó no bem-estar material e desta forma elimina o mal e estabelece uma ordem justa. Os interlocutores de Jó, com sua argumentação, só conseguem intensificar o sofrimento do justo e até o sacrificam para manter intacta sua teologia elitista e seus interesses de classe. Na opinião de Pixley, o livro de Jó não chega a ser uma teologia da libertação, porque não se dirige aos camponeses, que são o sujeito histórico que poderia ter transformado a sociedade. Aliás, devido à sua característica elitista, o livro de Jó não passaria de um repto estéril para a sociedade latino-americana.

O comentário de Pixley é, sem dúvida, resultado de pesquisa aprofundada do livro de Jó e de consulta exaustiva dos comentários citados em bibliografia (p. 299 ss). Por isso mesmo, sua tese merece ser discutida, pois — caso válida — o livro de Jó seria um exemplo inédito de livro bíblico sem outra finalidade que a crítica ao método da teologia. Será mesmo assim?

O conteúdo teológico e a finalidade do livro de Jó não se encontram nos dados que aparecem à primeira vista, seja nas cenas da narrativa, que constitui a moldura do drama, seja no diálogo polêmico dos interlocutores de Jó. A descrição em prosa, no prólogo e

---

epílogo, sobre a situação venturosa inicial e final do protagonista, bem como sua inesperada provação, constitui uma parábola e, por isso, o sentido é alegórico e moral e o ensinamento é mais profundo e menos pragmático. De modo algum trata-se de apregoar a bem-aventurança material de Jó, como se a função de Deus fosse a de estar à disposição das criaturas para providenciar por seu bem-estar material. Além disso, o prólogo tem por finalidade mostrar a situação privilegiada do protagonista, enquanto o epílogo apresenta o homem regenerado, que, tendo suportado a provação, é beneficiado com felicidade celestial. O objetivo do livro não é mostrar como Jó supera a desgraça, para voltar a ser o que antes era, mas analisar e desenvolver a radical transformação de um homem, através do sofrimento, a outro nível de existência, mais autêntica e mais humana, mais meritória e mais gloriosa que a primitiva, privilegiada e paradisíaca. A transformação de Jó desenvolve-se em três etapas: a situação privilegiada, a provação e a regeneração.

A religiosidade popular de todos os tempos tem-se empolgado pela figura do justo sofredor, bem antes de ser escrito o livro de Jó, o que é comprovado pela popularidade de que gozava, na Babilônia, o *Poema do Justo Sofredor* e, no Egito, o *Diálogo sobre a Miséria Humana*, livros esses que se debatiam com semelhante problema existencial. Não é, porém, a situação trágica que mereceu a esses livros a estima pelo sofredor junto aos oprimidos, mas a esperança de reabilitação, a exemplo do protagonista, que, em meio à opressão, não sucumbiu à resignação nem à revolta nem ao desespero, mas, motivado pela confiança na intervenção divina, suportou a provação, transformando-se pela fidelidade à sua integridade em meio a trabalhos e frustração, perigos e tentações, em homem mais autêntico do que no estado inicial. Todas as suas qualidades sociais, éticas e religiosas adquiriram feição mais autêntica e mais humana, mediante a luta de conquista para chegar à plena aceitação do mistério que envolve a existência humana e alcançar a confiante entrega de seu destino nas mãos de Deus, como também para manter sua lealdade para com as pessoas de seu convívio, com as quais ele se sente solidário.

Em relação à afirmação de Pixley de que a parte central do livro de Jó é uma crítica fundamental ao *método* da teologia, trata-se de verificar se a estrutura dos discursos está elaborada sobre o modelo das discussões teológicas ou, em caso negativo, qual seja o modelo. Para aclarar essa questão convém ter presente o desenrolar do debate entre os polemistas e Jó, cujo objeto é, indiscutivelmente, um "mistério", e não um "problema"; é, portanto, existencial. A tensão do

---

debate intensifica-se consideravelmente pelo fato de os participantes do drama conduzirem sua disputa como um processo, sendo que o debate é estruturado sobre o modelo do processo judicial. Os discursos não apresentam as características de uma discussão teológica, que desenvolve o tema com precisão objetiva, em linguagem apropriada à transmissão da experiência do transcendente por formas significativas de expressão. No livro de Jó, a forma literária dos discursos é um debate forense que se distingue por ênfase retórica, formas exuberantes de falar — como por exemplo as figuras da hipérbole e da ironia — vocabulário jurídico, e pelo esquema de um litígio. A própria figura de Deus, ao submeter Jó a essas duras provações, aparece com traços de um acusador; Jó, ao refutar a acusação, assume a atitude de demandante contra Deus, passando depois à condição de demandado; é um confronto entre Deus e Jó; o grupo dos três amigos exerce a função de comitê de arbitragem, procurando dirimir a questão de forma amigável; Eliú parece exercer a função de juiz que preside o tribunal de última instância, pronunciando uma sentença unilateral e inapelável; todavia, acima do tribunal humano há uma instância divina, que dirime a questão de forma definitiva. No curso da polémica surge uma nova imagem de Deus com traços de autoridade suprema sobre o destino do mundo e função de soberano sobre a vida dos homens, pronunciando, como juiz supremo, sua sentença que inocenta a Jó. Tal sentença resulta, embora de maneira mais aparente do que real, em reversão do relacionamento entre Deus e Jó: do aparente antagonismo entre eles surge a amizade. O retrospecto sobre o acalorado debate mostra que — em oposição à opinião reinante, que atribui a causa da infelicidade unicamente à maldade dos homens — Deus não acusa Jó; nem Jó acusa a Deus de tê-lo perseguido injustamente ou de lhe ser hostil; Jó apenas questiona, não acusa.

A ótica fundamental do livro encontra-se na narrativa. Os discursos, em verso, estruturados sobre o modelo do debate forense, denotam — tanto pela forma como pelo conteúdo — um profundo lirismo. Esses discursos não são apenas emoldurados pelo enquadramento narrativo — prólogo e epílogo — mas constituem, pela alma e substância, o desdobramento do relato em prosa. Entretanto, o debate dramático, tanto pela extensão como pelo conteúdo, dá um novo enfoque à obra, impondo-lhe um aspecto dinâmico pela perene atualidade do tema vivido em forma existencial, e subordinando a esse enfoque central as respectivas óticas do prólogo e do epílogo, conferindo ao prólogo o valor de simples tese teológica e ao epílogo o valor de uma parábola sobre a felicidade celestial.

---

Essas observações críticas não visam desmerecer o comentário ao Livro de Jó, mas ressaltar a mensagem teológica sobre a transformação do homem, em vista da transformação da sociedade.

**Luís Stadelmann S.J.**  
*Caixa Postal 5.047 (Venda Nova)*  
*Belo Horizonte - MG*